

Grandes avanços na frente externa

Em um período de três anos, o Brasil esteve sob ameaça de ser engolfado por duas crises internacionais. A que se seguiu à crise do México em dezembro de 1994, que bateu em nossas praias em março de 1995, e a mais recente, iniciada na Tailândia em julho do ano passado e cuja vaga aqui chegou com estrondo em outubro/novembro. O País houve-se bem em ambas as tempestades e, de forma absolutamente inesperada por analistas nacionais e internacionais, retornou rapidamente a águas tranquilas.

De fato, as notícias da área externa são muito boas, como se pode constatar pelos dados ontem divulgados pelo Banco Central. Ao fim de fevereiro, as reservas internacionais retornaram ao nível de US\$ 57,417 bilhões, no conceito de caixa, com um ingresso líquido de mais de US\$ 5,150 milhões no último mês. O fluxo continua forte em março, já tendo as captações somado US\$ 4 bilhões em menos de 15 dias. O déficit em conta corrente foi de apenas US\$ 1,66 bilhão em fevereiro, em comparação com US\$ 2,3 bilhões no mesmo mês do ano passado e o ministro do Planejamento, Antonio Kandir, estima que, em todo o ano de 1997, o saldo negativo pode ficar em US\$ 30 bilhões, apresentando um decréscimo de 10% em relação ao ano passado (US\$ 33,349 bilhões).

As projeções do ministro parecem-nos realistas, apesar de se prever um aumento na conta de serviços em razão dos maiores pagamentos de juros que o País deverá ter de fazer neste ano, que podem vir a

ser, em parte, reduzidos por um menor volume de remessas de lucros ao exterior.

Com o risco inerente a todas as previsões, algumas conjecturas já podem ser feitas sobre o balanço de pagamentos em 1998. Pode-se presumir, por exemplo, que o déficit da conta de serviços, que foi de US\$ 27,287 bilhões neste ano, possa ser da ordem de US\$ 28,5 bilhões neste ano. Mesmo assim, pode-se

Em três anos, o País enfrentou duas crises internacionais e saiu delas rapidamente

obter uma melhoria no déficit em conta corrente como consequência de um desempenho da balança comercial bem mais animador que no ano passado. Não se pode falar em equilíbrio, mas há pers-

pectiva de que o déficit comercial não ultrapasse US\$ 4 bilhões.

Com efeito, este parece ser o número com o qual o governo vem trabalhando. Um déficit de serviços de US\$ 28,5 bilhões mais um déficit comercial de US\$ 4 bilhões daria um total de US\$ 32,5 bilhões, do qual se pode subtrair o valor de US\$ 2,5 bilhões de ingressos líquidos na conta de "transferências unilaterais", ou seja, remessas do exterior de emigrantes brasileiros.

Em comparação com o primeiro bimestre do ano passado, as importações apresentam estagnação, ficando em totais muito próximos. Na realidade, porém, elas estão caindo. Desde junho de 1997, as importações feitas pelo País vêm apresentando totais

mensais inferiores a US\$ 5 bilhões. Neste início de ano, a média mensal está em US\$ 4,5 bilhões (em fevereiro, as importações foram de US\$ 3,929 bilhões, mas o mês só teve 18 dias úteis).

A tendência é também comprovada pelo fato de que, como assinala a nota para a imprensa do Banco Central, as contratações de câmbio para importação estão em queda, começando a retornar ao nível de 1996. Há razões objetivas para isso, como a retração da demanda interna, uma certa saturação das importações de bens de capital e uma sensível redução dos preços do petróleo.

Do lado da exportação, os números de janeiro/fevereiro deste ano, em confronto com os do primeiro bimestre do ano passado, apresentam apenas um discreto avanço, mas a expectativa é de que haja uma reação mais pronunciada de ora em diante, notadamente na área de produtos manufaturados. Não por outra razão, as contratações de câmbio para exportação registraram um aumento de 27,1% comparativamente a fevereiro de 1997.

A concorrência dos países do Sudeste Asiático, que efetuaram grandes desvalorizações de suas moedas, vem deixando também, pouco a pouco, de assustar os exportadores brasileiros. As desvalorizações deram vantagem a esses países, mas esta não é tão grande como se imagina, considerando o custo que são obrigados a arcar com o encarecimento dos insumos que importam. Além disso, dada a sua situação financeira ainda problemática, aqueles países ressentem-se da falta de créditos para exportar. ■